

2 JOSUÉ A ESTER

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

JOSUÉ A ESTER

2

CPAD

O Livro de

NEEMIAS

C. E. Demaray

Esboço

(*Para a introdução, veja o Livro de Esdras.*)

I. A Reconstrução dos Muros de Jerusalém, 1.1—6.19

A. A Autoridade de Neemias, 1.1—2.8
1. Tristes Notícias de Jerusalém, 1.1-3
2. A Oração de Neemias, 1.4-11
3. A Autorização Recebida para Fortificar Jerusalém, 2.1-8

B. Planos para Construir os Muros, 2.9-20
1. A Chegada a Jerusalém, 2.9-11
2. Uma Inspeção Preliminar, 2.12-16
3. A Cooperação dos Líderes é Recebida, 2.17-20

C. O Trabalho é Terminado, 3.1—6.19
1. Uma Lista Detalhada dos Construtores, 3.1-32
2. Obstáculos Externos e Internos, 4.1—6.14
3. O Muro é Concluído em 52 dias, 6.15-19

II. Reformas e Instrução Religiosa, 7.1—13.31

A. O Início da Reorganização da Cidade, 7.1-73
1. A Nomeação dos Funcionários Civis, 7.1-4
2. O Planejamento do Censo, 7.5-73

B. Um Reavivamento Religioso Liderado por Esdras, 8.1—10.39
1. A Leitura e a Exposição da Lei de Moisés, 8.1-12
2. A Celebração da Festa dos Tabernáculos, 8.13-18
3. A Confissão do Povo, 9.1-38
4. O Pacto é Selado, 10.1-39

C. Os Planos para Repovoar Jerusalém, 11.1—12.26
1. A Sorte é Lançada para Trazer os Judeus a Jerusalém, 11.1,2
2. Um Registro das Famílias Judaicas, 11.3—12.26

D. A Consagração dos Muros, 12.27-43

E. A Instituição de Outras Reformas, 12.44—13.31
1. Provisões Feitas para os Líderes Religiosos, 12.44-47
2. O Rebaixamento de Tobias, 13.1-9
3. A Correção dos Abusos nos Serviços do Templo, 13.10-14
4. A Reforma da Observância do Sábado, 13.15-22
5. As Providências em Relação aos Casamentos Mistos, 13.23-31

SEÇÃO I

A RECONSTRUÇÃO DOS MUROS DE JERUSALÉM

Neemias 1.1—6.19

De acordo com os dados cronológicos dos próprios livros (Ed 7.8; 10.9,17; Ne 1.1; 2.1), cerca de treze anos se passaram entre os últimos acontecimentos do livro de Esdras e o começo da história de Neemias. Só podemos deduzir quais podem ter sido as atividades de Esdras durante esse período, a partir do apoio local dado a Neemias em sua chegada, e da ansiedade com a qual Esdras é procurado em Neemias 8 para ler e explicar a lei ao povo reunido. Parece evidente que tinha havido um condicionamento dos corações e das mentes do povo por meio de freqüentes períodos de instrução, como é descrito naquele capítulo.

A. A AUTORIDADE DE NEEMIAS, 1.1—2.8

Neemias, cujo nome quer dizer "Jeová conforta", apresenta-se no final do capítulo como **copeiro do rei** (11). Nada sabemos além disso, exceto o que pode ser claramente deduzido a partir da narrativa. Certamente ele era um membro de uma importante família de Judá, que tinha sido levada a Babilônia no exílio do início do século VI a.C. Aparentemente, ele não era um sacerdote nem tinha ascendência sacerdotal, como era o caso de Esdras, e não se pode provar que ele fosse descendente de Davi, como era Zorobabel. Em termos de caráter, ele mostrava todos os sinais de uma nobreza notável, e, sem dúvida, por essa razão, foi escolhido para a importante posição de copeiro do rei persa. Podemos supor, com base em eventos posteriores na narrativa, que essa posição era lucrativa, como também lhe dava muita influência junto ao rei[1].

1. *Tristes Notícias de Jerusalém* (1.1-3)

Somos levados a entender, por muitas maneiras, que Neemias era um homem religioso e devoto que passava muito tempo em oração e que também era muito leal às tradi-

ções de seu povo. No entanto, o seu fervoroso interesse pela situação de Jerusalém e o seu desejo de participar pessoalmente da restauração da cidade parecem ter ocorrido acidentalmente. Um grupo de peregrinos de Jerusalém, liderados por um certo **Hanani** (2), que talvez fosse irmão de Neemias[2] trouxeram tristes notícias sobre a situação da cidade. **Os restantes**, disseram, **estão em grande miséria e desprezo; e o muro... fendido, e as suas portas, queimadas a fogo** (3)[3]. Estas notícias trouxeram grande tristeza ao coração de Neemias e um sentido maior da sua própria responsabilidade de encontrar uma maneira pela qual ele pudesse levar alívio aos seus conterrâneos aflitos.

O título encontrado no versículo 1, **As palavras de Neemias, filho de Hacalias** indicam que o texto que se segue é um extrato das próprias memórias de Neemias. A narrativa continua na primeira pessoa até 7.5, onde Neemias insere uma genealogia dos exilados que voltavam, também encontrada em Esdras 2. **Quisleu** era o nome dado ao nono mês do calendário hebreu, correspondente aproximadamente ao período de novembro/dezembro. **Susã**, a capital dos reis persas, estava situada no sudoeste da Pérsia, cerca de 240 quilômetros ao norte do golfo pérsico. **Os judeus que escaparam e que restaram do cativeiro** (2) seriam aqueles que escaparam do exílio na Babilônia e os que foram deixados em Judá.

2. A Oração de Neemias (1.4-11)

Na oração que Neemias fez nesta ocasião, provavelmente proferida na intimidade de seu alojamento, mas fielmente registrada nas suas memórias, temos uma idéia da sinceridade e da devoção desse homem de Deus. G. Campbell Morgan nos deu uma boa descrição da sua oração:

> O homem que orava estava cheio de beleza e revelava uma correta concepção de como deveria ser uma oração sob tais circunstâncias. Ela se iniciou com uma confissão. Sem reservas, ele reconheceu o pecado do povo e identificou-se com ele. Então ele prosseguiu reivindicando as promessas que Deus lhes havia feito, e terminou com um pedido pessoal e definido de que o Senhor lhe desse graça aos olhos do rei[4].

Durante os três ou quatro meses que se passaram entre a chegada das notícias de Jerusalém e a revelação do seu segredo ao rei (1.1; 2.1), é evidente que em Neemias cresceu a convicção de que havia algo que ele poderia fazer para ajudar na resposta às suas orações pelos seus irmãos da Judéia. "Deus deixou claro para ele", diz J. Stafford Wright, "que ele estava sendo chamado não apenas para orar, mas para ir (1.11). Neste caso, a oração colocou um fardo tanto sobre o solicitante, como em Deus"[5]. Dessa forma, vemos o significado do seu pedido pessoal de que Deus **lhe desse graça perante esse homem** (11). Como copeiro do rei, a sua maior oportunidade de ajudar os seus irmãos era por meio da cooperação de Artaxerxes, o soberano mais poderoso daquela época. **Ainda que os vossos rejeitados estejam no cabo do céu**, etc., (9) pode ser interpretado como "ainda que os vossos dispersos estejam na extremidade do céu, Eu os reunirei de lá".

3. A Autorização Recebida para Fortificar Jerusalém (2.1-8)

Muitos comentaristas (por exemplo, Adam Clarke *ad loc.*) sugeriram que os reis da Pérsia estavam acostumados a ter diversos copeiros, talvez um para cada trimestre do

ano. Isto pode explicar por que a tristeza de Neemias não foi detectada pelo rei antes de quatro meses após a chegada das notícias de Jerusalém. Também é possível que, com a ajuda de Deus, ele tenha sido capaz de ocultar o seu pesar e guardar o seu segredo até que chegasse o momento oportuno, para estar certo do favor do rei. **Nisã** (1) era o nome aramaico para Abibe, o primeiro mês do ano judeu, que corresponde a março/abril.

A primeira reação de Neemias à pergunta do rei a respeito da tristeza no seu rosto foi de grande medo – **Então, temi muito em grande maneira** (2). Todos os serviçais do rei tinham a obrigação de estarem alegres na sua presença. Neemias logo se recuperou, entretanto, e explicou ao rei as más notícias que ele tinha recebido de Jerusalém. Para sua surpresa ele encontrou o rei em um humor favorável, disposto a conceder qualquer favor que ele lhe pedisse. Como se diz que "despertou o Senhor o espírito de Ciro" (Ed 1.1), podemos ter certeza de que da mesma maneira Ele respondia à oração de Neemias para conceder-lhe os favores de Artaxerxes. Notamos, no versículo 6, a menção à **rainha assentada junto a ele**, o que pode muito bem ter sido parte da providência de Deus no empenho a favor de Neemias.

Agora que a porta estava aberta para que ele fizesse seu pedido ao rei, o primeiro impulso de Neemias foi o de apelar a Deus para ter mais coragem. Este é um assunto do Senhor, pensou ele, e Ele deve dar-me a habilidade necessária para dar uma resposta adequada ao soberano. Com relação a isso temos a primeira de diversas "orações flechas", ou "orações fervorosas", como foram chamadas – petições breves expressas por Neemias por ocasião de uma emergência. Outros exemplos podem ser encontrados em Neemias 4.4,5,9; 5.19; 6.9,14; 13.14,22,29,31. "Nelas", diz J. S. Baxter, "temos um elemento principal do espírito puro, do impulso santificado e das façanhas glorificadoras de Deus na vida de uma das melhores figuras de Israel"[6]. "Como é belo esse exemplo para nós!", observa outro famoso comentarista, mas ele acrescenta: "Não é possível adquirir esse hábito da oração fervorosa, a menos que se passe prolongados períodos em santa comunhão com o Senhor. Quando se fica muito tempo em particular com Deus, não será difícil, em nenhum momento, fazer-lhe uma pergunta. O mercado cheio ou a rua lotada podem, a qualquer momento, converter-se em um lugar de oração"[7].

Neemias agora tinha a oportunidade que esperava, de pedir ao rei o privilégio de ir a Jerusalém e tentar construir os muros da cidade. **Se é do agrado do rei**, disse ele, **peço que me envies a Judá... para que eu a edifique** (5). Chegou-se a um acordo quanto ao limite do tempo para o término da missão, e foi feita a provisão dos recursos com que os governadores vizinhos contribuiriam para as operações de construção; assim a expedição tomou o seu caminho quase imediatamente. **Os governadores dalém do rio** (7) eram mandatários das províncias da Pérsia a oeste do Eufrates. **Que me dêem passagem** significa "que eles me deixem passar pelos seus países sem impedimentos" (Berk.). O rei enviou capitães de exército e cavaleiros com Neemias e, como vemos em 5.14, fez dele governador da província de Judá. **Asafe**, que era o **guarda do jardim do rei** (8) não é identificado em outra passagem da Bíblia Sagrada. **As portas do paço da casa** podem ser interpretadas como "os portões da fortaleza perto do Templo". Uma nota de rodapé explica como "uma imponente estrutura ao norte do Templo, para a sua defesa" (Berk.).

Surgiu a pergunta sobre como Artaxerxes, rei dos medos e dos persas[8], poderia reverter o seu decreto anterior de interromper a construção dos muros de Jerusalém (Ed

4.12,21). A resposta do Dr. Adeney, na obra *The Expositor's Bible*[9], é que o decreto anterior do rei foi modificado pelas palavras significativas "até que se dê uma ordem por mim" (Ed 4.21). Ele não modificava o seu decreto no que dizia respeito aos judeus, mas de acordo com o que foi necessário, pelas novas evidências recebidas. Uma mudança desse tipo estava perfeitamente autorizada no seu decreto anterior. Pode-se ver, nessa circunstância, quanta confiança o rei tinha em seu copeiro. Até mesmo a duração da sua missão parece ter sido determinada por Neemias (2.6). É difícil determinar quanto tempo foi dedicado à missão original a partir da narrativa que nos foi deixada. Parece evidente que não foram os doze anos que ele permaneceu na sua primeira missão. O tempo foi provavelmente ampliado conforme surgiu a necessidade. Um palpite quando ao limite original é um ano ou até mesmo seis meses[10].

Quanto à frase final desta seção: **segundo a boa mão de Deus sobre mim** (8) houve diversos comentários interessantes. "Este homem de espírito nobre", diz Adam Clarke, "atribui tudo ao Senhor: 'Deus me favoreceu', é o que ele parece dizer, 'e influenciou o coração do rei para fazer o que eu desejava'"[11]. De maneira semelhante, Kretzman sugere que "o próprio Deus zela pelo seu povo, pela sua igreja, e ouve as orações dos seus filhos fiéis, feitas em favor de sua igreja"[12]. W. P. Lockhart, na obra *The Biblical Illustrator*, observa que Neemias "reconhecia Deus em tudo. Ele não atribuía o seu sucesso às circunstâncias favoráveis, nem à oportunidade de apresentar o seu pedido, nem ao bom humor em que se encontrava o monarca, nem à combinação de todos esses fatores. Causas secundárias não iriam explicar o resultado; ele deveria ser rastreado até à sua verdadeira origem – Deus, e somente Deus deve ter toda a glória"[13].

B. Planos para Construir os Muros, 2.9-20

1. A Chegada a Jerusalém (2.9-11)

Tendo feito os preparativos necessários, Neemias e um grupo de companheiros fizeram a longa viagem desde Susã, ou Susa, a Jerusalém. Em uma missão similar, Esdras fez a viagem desde a Babilônia (320 quilômetros mais curta) em aproximadamente quatro meses (Ed 7.9). Com respeito à escolta dada a Neemias (2.9), J. S. Wright ressalta: "Deus conduz as pessoas de diferentes maneiras. Neemias aceitou a escolta do rei, ao passo que Esdras recusou tal ajuda (Ed 8.22). Em situações desse tipo, somente a pessoa diretamente envolvida pode decidir a ação adequada"[14].

Ao chegar a Jerusalém, Neemias imediatamente ficou ciente da inveja e das suspeitas de certos inimigos poderosos dos judeus na Palestina. A Sambalate, o governador de Samaria, e a Tobias, "o amonita", aparentemente um seguidor fiel de Sambalate, **lhes desagradou com grande desagrado que alguém viesse a procurar o bem dos filhos de Israel** (10). "Tal animosidade", observa Wright, "era provavelmente devida à inveja de Sambalate... que provavelmente esperava ser feito governador de Judá, como já o era de Samaria"[15]. De qualquer modo, esses dois, ajudados por um líder árabe de nome Gesém, aparecem como os principais inimigos de Neemias durante o período do seu governo, algo como treze anos ou mais.

Sambalate é um nome babilônio. Pelo fato de ser chamado de **horonita** (cf. 19; 13.28), supõe-se que ele tenha vindo de Bete-Horom, a cerca de 30 quilômetros ao noro-

este de Jerusalém. Como ele aparentemente adorava ao Senhor, é possível que sua religião fosse de um tipo que combinava elementos de verdadeira adoração com o paganismo introduzido em Samaria pelos povos ali assentados pelos assírios (cf. 2 Rs 17.24-33). A filha de Sambalate casou-se com alguém da família do sumo sacerdote (13.28).

Tobias é conhecido como **o servo amonita**. Isto pode indicar que ele era um escravo liberto que chegou a uma posição de alguma proeminência entre os amonitas. Uma família conhecida como os "Tobias" posteriormente ganhou posição e poder, tanto entre os amonitas como na Judéia.

Gesém (19; 6.1,2), ou Gusmu (6.6) é conhecido simplesmente como "o arábio". Ele não é mencionado em outra passagem da Bíblia Sagrada, mas inscrições da época citam o nome como o de um rei ou de um chefe supremo de Quedar, uma tribo nômade ou de beduínos, mencionada em Isaías 21.16,17; Jeremias 49.28,29; *passim*.

2. Uma Inspeção Preliminar (2.12-16)

Depois de averiguar a condição dos muros, Neemias assegurou-se da cooperação total dos líderes judeus, que exclamaram com aparente entusiasmo: **Levantemo-nos e edifiquemos** (18). Para os seus inimigos, que tentavam colocar vários impedimentos no seu caminho, ele disse com fé e determinação: **Deus... é o que nos fará prosperar; e nós, seus servos, nos levantaremos e edificaremos** (20). Certamente aqui encontramos material para importantes esclarecimentos, a fim de atingirmos os nossos objetivos a serviço de Deus.

Sob o título "Enfrentando o Desafio", Alan Redpath, em sua interessante exposição sobre Neemias, apresenta a seguinte descrição dos versículos 12-20 deste capítulo: (1) investigação, 12-16; (2) cooperação, 17,18 (cf. também o capítulo 3); e (3) determinação, 19,20[16].

Passados três dias de sua chegada a Jerusalém, Neemias decidiu fazer um passeio secreto pelos muros da cidade. Compare os versículos 11,13,14 com o mapa da cidade. Acompanhado por poucos amigos, ele cavalgou pela cidade, à noite, para examinar os muros e os portões da cidade, ponto por ponto. O que ele encontrou era ainda pior do que havia imaginado. Por todas as partes havia marcas de destruição e de completa devastação. O terreno ao redor da fonte de Giom (ou o **viveiro do rei**, 14) estava tão obstruído por entulho, que não havia por onde passar o animal que ele cavalgava. "Isto", observa J. C. Muir, "é um eloqüente testemunho da eficácia da demolição dos muros de Jerusalém por Nabucodonosor"[17].

Entretanto, deve ter havido certas conclusões a que Neemias foi capaz de chegar depois desta inspeção. Não faltava material para restaurar os muros. Se pelo menos a mão de obra pudesse ser obtida, e o trabalho fosse bem organizado, os muros seriam restaurados e a cidade fortificada. Para a realização desse importante empreendimento, era necessário assegurar a cooperação de toda a população judaica. Esta deveria ser, portanto, a sua próxima tarefa.

3. A Cooperação dos Líderes é Recebida (2.17-20)

Foi convocada uma assembléia dos líderes dos judeus e o assunto lhes foi exposto claramente. **Bem vedes vós a miséria em que estamos, que Jerusalém está assolada e que as suas portas têm sido queimadas; vinde, pois, e reedifiquemos**

o muro de Jerusalém e não estejamos mais em opróbrio (17). Então ele lhes contou como Deus o tinha convocado para realizar essa missão, e como o Senhor tinha agido sobre o rei para que o ajudasse, não apenas ao dar-lhe a autoridade como governador (5.14), mas também ao tornar disponíveis a ele os materiais necessários para realizar o trabalho.

Este fervoroso apelo recebeu uma resposta rápida. Impressionados com o zelo de Neemias, os líderes judeus responderam imediatamente **Levantemo-nos e edifiquemos** (18). Assim, foi preparado o cenário para um notável feito a ser realizado. Na melhor hipótese, a construção do muro de uma grande cidade era uma enorme tarefa para os desorganizados e dispersos remanescentes dos israelitas em Judá. Também era evidente, desde o início, que o trabalho não seguiria sem os desafios dos inimigos dos judeus. Sambalate e seus fiéis seguidores **zombaram e desprezaram** (19) quando souberam dos planos. Mas Neemias tinha uma resposta para eles que revelava não apenas a sua própria determinação de realizar o trabalho até à sua conclusão, porém mais significativamente a sua fé em Deus, que tinha o poder de ajudá-lo a executar o trabalho para o qual o próprio Senhor o havia chamado (20).

A última afirmação do versículo 20, **mas vós não tendes parte, nem justiça, nem memória em Jerusalém** sem dúvida se refere ao pedido feito pelos samaritanos, como em Esdras 4.2, de ajudar os judeus na reconstrução de Jerusalém. Os judeus resolutamente recusaram esse pedido, uma vez que a sua lei exigia que eles não tivessem alianças com nações gentias.

C. O Trabalho é Terminado, 3.1—6.19

1. Uma Lista Detalhada dos Construtores (3.1-32)

No capítulo 3 é-nos fornecida principalmente uma lista daqueles que participaram da construção. À primeira vista, isso parece não ter qualquer interesse intrínseco, mas depois de cuidadosas considerações, diversos ensinos importantes se tornam evidentes:

(1) Em um projeto comunitário, grande importância deve ser dada à organização cuidadosa, e à certeza da cooperação por parte de todos os membros da comunidade. Cada parte do muro tem o seu construtor, e parece que Neemias dedicou uma cuidadosa atenção à distribuição adequada das tarefas.

(2) Repetidamente, como nos versículos 10,23,28,29 e 30, diz-se que alguém reparou o muro **defronte** (mais próximo) **da sua casa** (10). Assim parece que, na designação das tarefas, foi dada atenção aos interesses pessoais e às responsabilidades dos homens. Alan Redpath fez desse assunto o tema de um capítulo inteiro, que ele intitula "O Ponto de Início para Tudo"[18]. Em poucas palavras, a sua teoria é de que toda construção sólida de um reino começa em casa e entre aqueles que estão mais próximos de nós. Este é um princípio, diz ele, que se encontra ao longo das Escrituras. Por exemplo, em Atos 1.8, os discípulos deviam dar testemunho primeiramente em Jerusalém, depois na Judéia e em Samaria, e finalmente nos confins da terra.

(3) Um terceiro ensino que se pode encontrar neste capítulo é o de que a obra de Deus deve desafiar igualmente todas as classes de pessoas. O sumo sacerdote Eliasibe não era tão importante para que não pudesse trabalhar com o mais humilde homem do

campo na construção do muro. Os residentes de Jerusalém trabalharam lado a lado com os homens de Tecoa, Gibeão e Zanoa. Os comerciantes, ourives e farmacêuticos, todos receberam um trecho para construir e, até onde sabemos, aceitaram de bom grado a tarefa que lhes foi designada. A cooperação parece ser a palavra-chave do capítulo, e até que cheguemos ao capítulo 4 não há menção de qualquer discórdia ou oposição importante, embora houvesse diferenças no cuidado com a tarefa. Alguns **nobres não meteram o seu pescoço ao serviço de seu Senhor** (5), enquanto outros repararam **com grande ardor** outro pedaço (20).

A expressão: **consagraram** (1) sugere a natureza essencialmente religiosa da empreitada. A idéia é que esses construtores "consagraram" ou "dedicaram" ao serviço de Deus as estruturas materiais que haviam erigido. **O domínio do governador daquém do rio** (7) não é a descrição de um lugar no muro, mas sim uma declaração da situação política dos trabalhadores – "que estavam sob a jurisdição do governador da província além do rio". **Neemias, filho de Azbuque** (16) não deve ser confundido com Neemias, o governador de Judá.

Maioral da metade de Jerusalém (9, 12) indica uma divisão em distritos administrativos. Expressões similares são usadas com relação a **Mispa** (15), **Bete-Zur** (16) e **Queila** (17-18).

2. *Obstáculos Externos e Internos* (4.1—6.14)

No relato das experiências de Neemias nos capítulos 4.1 a 6.14, J. Stafford Wright[19] vê quatro "maneiras como o povo de Deus é constantemente atacado quando deseja ir adiante:" (1) sarcasmo desencorajador, 4.1-6; (2) ataques dos inimigos, 4.7-23; (3) desunião interna, 5.1-19; e (4) falsas acusações, 6.1-14.

a. *Zombaria e Oposição dos Inimigos* (4.1-6). Parece que quando Sambalate ouviu que Neemias estava realmente disposto a construir o muro, ele trouxe todo um **exército** (2) de samaritanos a Jerusalém para zombar deles. Pode ser que a autorização do imperador fez com que ele receasse fazer um ataque militar, e que esse uso do seu exército foi o máximo que ele ousou fazer. Um exemplo da sua zombaria é o seguinte:

> "Que fazem estes fracos judeus?... Terminarão num só dia? Vivificarão dos montões do pó as pedras que foram queimadas? E estava com ele Tobias, o amonita, e disse: Ainda que edifiquem, vindo uma raposa, derrubará facilmente o seu muro de pedra" (4.2,3).

Nos dois versículos seguintes (4,5), temos a segunda interjeição ou, como um comentarista a chama, oração "incidental" de Neemias[20]. A natureza da oração, como sugere Adam Clarke, dificilmente estaria de acordo com os ensinos cristãos, ao lançar uma maldição, como faz, sobre os inimigos do povo de Deus. Mas inquestionavelmente conserva o espírito dos muitos salmos imprecatórios que são encontrados no Antigo Testamento, e deve ser explicado sob as mesmas bases[21].

No versículo 6 temos a certeza de que, apesar do ridículo e da oposição de seus inimigos, os judeus tinham prontamente prosseguido com a construção do muro. Nessa ocasião ele já havia atingido a metade de sua altura: **porque o coração do povo**

se inclinava a trabalhar. Em um capítulo intitulado "Superando o Inimigo", Alan Redpath destaca sob três subtítulos os motivos pelos quais o povo de Israel, com Neemias como seu líder, teve êxito na construção do muro, apesar da oposição dos samaritanos: (1) **porque o coração do povo se inclinava a trabalhar**, 6; (2) Eles oravam de coração: **nós oramos ao nosso Deus**, 9; e (3) Eles estavam vigilantes: **pusemos uma guarda contra eles, de dia e de noite**, 9. A sua descrição sobre Neemias nesse contexto é digna de menção:

> O que mais me impressiona em Neemias, mais do que qualquer outra coisa é o fato de que ele era um sujeito prático. Ele não era uma dessas pessoas de quem algumas vezes dizemos que são tão religiosas que não têm qualquer utilidade terrena. Ele mantinha os seus pés no chão. Ele sabia como organizar e atuar. Mas ele decidiu que, enquanto orava e trabalhava, deveria haver uma sentinela que vigiasse dia e noite, e que cada seção do muro deveria ser guardada pela vigília de um homem atento ao inesperado ataque do inimigo[22].

Na afirmação ao final do versículo 6, **o coração do povo se inclinava a trabalhar**, Adam Clarke observa que o texto original em hebraico pode ser traduzido melhor da seguinte forma: "O povo tinha *coração* para trabalhar", ou "o coração do povo se inclinava a trabalhar". "Os seus *corações*", afirma, "estavam envolvidos naquilo; e quando o *coração* se envolve, a obra de Deus caminha bem"[23].

b. *Ataques planejados e precauções tomadas* (4.7-23). Por não ser capaz de interromper os trabalhos de Neemias com a sua campanha de zombaria, Sambalate e seus aliados (veja 2.10, comentário), que incluíam representantes de diversas nações vizinhas, planejaram um ataque conjunto contra os judeus. Tal investida dificilmente poderia ser chamada "oficial", uma vez que Artaxerxes tinha autorizado a fortificação de Jerusalém; mas, se planejado com habilidade, poderia instilar o medo entre os judeus e fazer com que eles desistissem de suas atividades de construção. É provável que as negociações tivessem sido feitas em segredo, e que o plano fosse o de fazer uma grande exibição de poderio militar, sem, na realidade, desfechar um ataque direto. O versículo 15 deixa evidente que quando os planos foram descobertos, a ameaça ao povo foi completamente removida, uma vez que eles não ousavam atacar abertamente.

Quaisquer que tenham sido os planos dos inimigos, coube a Neemias tomar todas as precauções contra eles, e é justamente aqui que é interessante observarmos a sua liderança; uma liderança hábil e que honra a Deus. O Dr. W. F. Adeney, ao comentar este capítulo, resume a defesa de Neemias sob quatro títulos: (1) oração, 9; (2) vigilância, 9; (3) encorajamento, 14; e (4) armas, 16-22[24]. Ele observa que as defesas espirituais e morais estão em primeiro lugar, mas as defesas materiais não são negligenciadas. Nem todos os judeus apoiavam corajosamente o projeto. O desânimo está claramente refletido no relato. **Já desfaleceram as forças dos acarretadores** (10). O medo está refletido nas atitudes dos **judeus que habitavam entre eles** (12), isto é, aqueles que moravam a alguma distância de Jerusalém, perto dos inimigos. A última parte deste versículo é obscura, mas o seu significado é o de que eles vieram dez vezes declarando amedrontados: "De todos os lugares onde moram, subirão contra nós".

São impressionantes as elaboradas defesas militares que Neemias planejou, apesar do fato de que os seus recursos eram poucos. Quando ficou evidente que o inimigo prometia ataques em cada região da cidade (11–12), Neemias colocou guardas armados **detrás do muro** (13), onde não pudessem ser vistos, nas partes baixas e mais vulneráveis, para que eles pudessem neutralizar o inimigo rapidamente caso este tentasse escalar o muro. Outros guardas armados foram colocados sobre o muro, nos lugares **altos**, para que pudessem atrapalhar o inimigo atirando pedras e dardos. Também houve o cuidado de colocar juntos os grupos das famílias (13), que por sua relação mútua poderiam se coordenar melhor e ter um maior desejo de mútua proteção[25]. Também observamos a referência aos laços familiares no desafio que Neemias, como o comandante geral, lançou às suas tropas estrategicamente posicionadas: "**Não os temais; lembrai-vos do Senhor, grande e terrível, e pelejai pelos vossos irmãos, vossos filhos, vossas mulheres e vossas casas**" (14).

Tão impressionante foi a defesa instalada que o inimigo não fez aparentemente qualquer ataque contra a cidade. Mas, a partir daí, quando os trabalhadores voltaram, **cada um à sua obra** (15), todas as precauções foram tomadas para que eles não fossem surpreendidos. Os **moços** (ou servos, 16) de Neemias, que tinham sido designados ao trabalho, estavam agora divididos em dois grupos, um deles para atuar como uma guarda armada e o outro para ajudar nas atividades da construção. Líderes especiais, que foram escolhidos entre a nobreza (**chefes**), ficavam por trás dos trabalhadores, porque assim poderiam mantê-los informados de qualquer perigo que os ameaçasse. Os trabalhadores, e na verdade todos os que estivessem envolvidos no trabalho de alguma maneira, tinham armas que poderiam ser usadas a qualquer momento. Eles trabalhavam com uma arma em uma das mãos e uma colher de pedreiro na outra. Um trombeteiro foi empregado por Neemias para tocar um alarme se o inimigo se aproximasse, e para dar a todos a oportunidade de correr para o lugar onde houvesse o ataque. Finalmente, para que pudesse haver uma guarda adequada noite e dia, determinou-se que os judeus das cidades vizinhas permanecessem em Jerusalém e ajudassem na defesa da cidade. Neemias nos conta que nem ele nem seus moços removiam as suas roupas, exceto para alguma situação de necessidade, noite e dia, para que eles pudessem estar prontos para correr em defesa da cidade quando houvesse qualquer emergência.

c. *Injustiças sociais entre os judeus* (5.1-19). Neemias não encontrou apenas oposição dos inimigos externos, mas também enfrentou distúrbios internos. Os judeus mais ricos aproveitavam-se da má situação em que seus irmãos mais pobres se encontravam, devido à colheita deficiente, à **fome** (3) e à necessidade do trabalho no muro. Muitos tinham sido forçados a desistir de suas propriedades para pagar empréstimos, ocasionados em parte pelas suas circunstâncias e pelos pesados impostos do governo persa. Em alguns casos, as crianças eram escravizadas como pagamento de dívidas: **Agora, pois, a nossa carne é como a carne de nossos irmãos, e nossos filhos, como seus filhos; e eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem servos** [ou seja, escravos]**... já não estão no poder de nossas mãos; e outros têm as nossas terras e as nossas vinhas** (5). Muitos que não tinham terra nem filhos precisavam pagar juros exorbitantes (**usura**, 7), embora, segundo a lei mosaica, os israelitas não devessem estar sujeitos a juros (Êx 22.25; Dt 23.19,20). Esses encargos eram particularmente difíceis de

suportar, agora que todo o seu tempo era ocupado no trabalho da construção. Conseqüentemente, houve **um grande clamor do povo e de suas mulheres contra os** judeus mais ricos, **seus irmãos** (1). **Com nossos filhos e nossas filhas, nós somos muitos**, disseram; **pelo que tomemos trigo, para que comamos e vivamos** (2).

Quando confrontado com esta situação, Neemias **considerou consigo mesmo no seu coração** (7) para agir com prudência. Após convocar um **ajuntamento** do povo (7), ele repreendeu os homens ricos e nobres por sua falta de consideração com relação aos seus irmãos mais pobres, ao impor-lhes juros contra a lei e até mesmo escravizar os seus filhos como pagamento de dívidas. Então ele lhes recordou o exemplo que ele mesmo lhes dava, ao atuar como seu governador sem exigir o pagamento usual por seus serviços, e, na verdade, alimentar-se na sua própria mesa, e às suas próprias custas, como o faziam cento e cinqüenta judeus diariamente. Neemias libertara diversos judeus da escravidão e emprestara seu dinheiro sem cobrar juros. **Deixemos este ganho. Restituí-lhes hoje, vos peço, as suas terras, as suas vinhas, os seus olivais e as suas casas**, como também os juros **que vós exigis deles** (10,11). **O centésimo do dinheiro** (11) corresponde a juros mensais de 1%, conseqüentemente 12% ao ano.

As palavras de Neemias, nesta ocasião, pareciam levar consigo a própria autoridade de Deus, pois receberam uma pronta resposta por parte dos judeus nobres. **Restituiremos**, disseram, **e nada procuraremos deles; faremos assim como dizes** (12). **O meu regaço sacudi** (13) é um gesto simbólico de repúdio e desdém. A palavra **regaço** seria o manto externo normalmente usado. (Para ações simbólicas semelhantes, veja 1 Rs 22.11; Jr 27.2; 28.10; Mt 10.14; At 13.51; 18.6).

Essa autoridade não vem por acaso. É o resultado de cuidadosa autodisciplina e do cultivar, por meio da oração, a presença de Deus na vida. Neemias era um homem de oração, e disciplinou-se a realizar aquilo que ele acreditava que Deus queria que se realizasse. "Os primeiros governadores", diz ele, "oprimiram o povo e tomaram-lhe pão e vinho e, além disso, quarenta siclos de prata [diariamente]... porém eu assim não fiz, por causa do temor de Deus" (5.15).

Alexander Maclaren toma esta passagem (5.15) como a base para uma impressionante homilia intitulada "Um Antigo não Conformista". Ao explicar este exemplo de não conformismo divino, ele vê três importantes fatores envolvidos: (1) uma atitude de não aceitação com respeito às práticas de pecado existentes; (2) uma motivação interior que impele a uma firme desobediência; e (3) o poder que capacita alguém a ser leal às suas convicções, recebidas da parte de Deus. Sabemos que o motivo que levou Neemias a dizer não foi o **temor de Deus**. Maclaren sugere que o equivalente para um cristão hoje é "o amor de Cristo", como se encontra em 2 Coríntios 5.14: "O amor de Cristo nos constrange"[26]. O poder que nos capacita a viver vitoriosamente de acordo com a vontade de Deus para as nossas vidas nos está disponível através da oração e da fé: "Deus é poderoso para tornar abundante em vós toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra" (2 Co 9.8).

d. *Tentativas de ludibriar Neemias* (6.1-14). Depois do relato parentético, no capítulo cinco, das perturbações sociais entre os judeus, nós temos, no capítulo 6, um relato continuado da oposição dos inimigos de Neemias: Sambalate, Tobias e Gesém, que, por não terem tido sucesso em suas tentativas de amedrontar Neemias com a ameaça de um

ataque armado, agora tentam ludibriá-lo por meios sutis. Como uma prova de amizade, eles lhe enviaram mensageiros, quatro vezes consecutivas, para convidá-lo a um encontro no **vale de Ono** (2), cerca de 32 quilômetros ao norte de Jerusalém, perto de Lida, ou Lode (Ed 2.33; Ne 11.35). A única resposta de Neemias foi: **Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer** (3). Naturalmente ele suspeitava das suas más intenções e não se permitiu cair na sua armadilha. Novamente eles enviaram um mensageiro, desta vez com **uma carta aberta** (5) em que Sambalate acusava Neemias de planejar uma rebelião contra o rei. Eles o avisavam de que isso seria levado ao conhecimento de Artaxerxes, a menos que Neemias concordasse em se encontrar com eles para discutir o assunto. Ao se recusar a comparecer ao encontro, Neemias corajosamente respondeu que todo o assunto era fruto da imaginação deles. **De tudo o que dizes coisa nenhuma sucedeu**, declarou, **mas tu, do teu coração, o inventas** (8). Ao mesmo tempo, Neemias orou fervorosamente para que Deus o fortalecesse contra os seus inimigos.

Em seguida houve a tentativa de iludi-lo através um falso profeta dentro da cidade. Um certo **Semaías** (10) foi contratado para se passar por seu amigo e conselheiro espiritual, a fim de avisá-lo, em nome do Senhor, que os seus inimigos iriam matá-lo e que o seu único refúgio era o Templo. **Que estava encerrado**, "que estava enclausurado", possivelmente devido a algum crime ou alguma doença (Berk.). Porém, Neemias foi novamente inflexível na sua recusa em ceder aos seus inimigos, mesmo em uma demonstração de amizade. **Um homem, como eu, fugiria?** – disse. **E quem há, como eu, que entre no templo e viva? De maneira nenhuma entrarei** (11). Ele pôde enxergar os truques deles, e recusou-se firmemente a ser atraído para a armadilha. Com certeza temos aqui um excelente exemplo de coragem por parte de um dos santos de Deus, que jamais se humilharia diante de qualquer ataque do inimigo.

Em 6.13 vemos refletidos alguns pensamentos em "quando o medo se transforma em pecado". **Para isso o subornaram, para me atemorizar, e para que eu assim fizesse e pecasse** (13). O medo transforma-se em pecado (1) quando ele nos afasta das tarefas dadas por Deus, 1-4; (2) quando temos medo de acusações baseadas em falsidades, 5-9; (3) quando usamos até mesmo o refúgio religioso para evitarmos o custo de fazermos a obra de Deus, 10-13.

Em uma mensagem intitulada "uma grande obra", baseada no versículo 3 – **Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer** – pode-se deduzir que a obra de Deus, que seja a construção de um muro, a construção de uma congregação cristã ou a evangelização de pagãos, deve ter a prioridade sobre todas as demais ocupações que poderiam exigir a nossa atenção. Para nós é a coisa mais importante do mundo: (1) porque Deus a ordenou; (2) porque a Bíblia a autoriza e (3) porque recebemos uma convocação especial para fazê-la. Assim foi com Neemias, e assim deveria ser com todos os homens que sintam o chamado de Deus. **Por que cessaria esta obra, enquanto eu a deixasse e fosse ter convosco?** (3).

3. *O Muro é Concluído em 52 Dias* (6.15-19)

Apesar de todas as dificuldades que foram encontradas, sabemos que o muro foi concluído em 52 dias, ou em aproximadamente dois meses. **Elul** (15) é o sexto mês do calendário judeu, correspondente à última metade de agosto e à primeira metade de setembro.

A conclusão dos muros foi um golpe evidentemente duro na moral dos inimigos de Judá. "Temeram todos os gentios que havia em roda de nós", escreve Neemias, "e abateram-se muito em seus próprios olhos; porque reconheceram que o nosso Deus fizera esta obra" (16; cf. Sl 126.2,3). Entretanto, imediatamente, nos versículos 17-19 percebemos que ainda havia forças traiçoeiras que trabalhavam na cidade. Alguns dos amigos de Tobias, diversos dos quais estavam ligados a ele por laços de casamento, mantinham uma freqüente correspondência com ele e aparentemente tentavam fazer com que Neemias sentisse medo dele. "O povo de Deus", ressalta J. S. Wright, "deve estar sempre em guarda, mesmo em uma época de sucesso. A infiltração das idéias inspiradas pelo inimigo ainda pode estragar o trabalho e trazer padrões pagãos de vida e religião"[27]. Sabemos que Tobias na verdade foi recebido na cidade posteriormente, durante a ausência de Neemias, e lhe foi dado um quarto no Templo (13.4-7). Com que constância o inimigo das nossas almas espreita nas proximidades, à espera de uma oportunidade para fixar residência no recôndito dos nossos corações, quando negligenciamos!

Seção II

REFORMAS E INSTRUÇÃO RELIGIOSA

Neemias 7.1—13.31

Existem duas fases bastante distintas na história da restauração de Jerusalém sob o comando de Neemias. Uma delas diz respeito aos muros da cidade; e a outra, ao restabelecimento de seus habitantes e à introdução de certas reformas sociais e religiosas nas quais o líder contemporâneo, Esdras, também teve um papel predominante. Entretanto, como as reformas sociais relatadas no capítulo 5 haviam sido iniciadas durante o período da construção dos muros, e sua inauguração teve lugar depois do importante reavivamento religioso registrado nos capítulos 8-10, não podemos deixar de observar que essas duas fases da história estão intimamente interligadas.

Para uma discussão sobre as reformas sociais que tratam do relacionamento entre as classes da sociedade judaica, veja o comentário baseado no capítulo 5. O 7 cuida mais dos aspectos físico e cívico da reforma, do restabelecimento dos habitantes da cidade, da nomeação de certos funcionários municipais e das medidas para a segurança pública. Os últimos, especialmente os 8 a 10 e 13 tratam das reformas religiosas e morais.

A. O Início da Reorganização da Cidade, 7.1-73

1. *A Nomeação dos Funcionários Civis* (7.1-4)

O conteúdo do capítulo 7 está intimamente relacionado com o do 11. Os 8 a 10 podem ser considerados como parêntesis, porque dão início ao relato sobre as providências cívicas que foram tomadas. De certa forma, os próprios acontecimentos podem ter ocorrido nessa ordem, quando o reavivamento religioso provavelmente foi introduzido antes das providências cívicas terem sido terminadas. Podemos comparar esses acontecimentos com a reforma social do capítulo 5, que foi provocada por reclamações feitas enquanto os muros da cidade eram construídos.

Os primeiros versículos do capítulo 7 estão dirigidos às provisões relacionadas com a garantia e a segurança da cidade, agora que a construção do muro já havia terminado e as portas já estavam em seus lugares (1). O irmão de Neemias, **Hanani**, que originalmente lhe havia informado sobre as más condições locais (1.2,3), e que havia aparentemente retornado com ele para ajudar na restauração dos muros, havia sido colocado na posição de responsável pela cidade. Ao seu lado, havia outra pessoa com um nome semelhante (**Hananias**) que seria o principal administrador (governante, 2) da importante cidadela, ou torre vizinha à área norte do Templo. Esse último, mesmo que tenha sido outra pessoa e não Hanani (existe alguma dúvida por causa da semelhança de nomes[1]), é descrito como **homem fiel e temente a Deus, mais do que muitos**. Sua principal tarefa era garantir a segurança da cidade e torná-la novamente habitável, exatamente como no período antes do exílio. De acordo com o versículo 4, grandes áreas da cidade estavam desabitadas e a maioria das antigas casas havia sido demolida ou removida.

Essa situação fica facilmente explicada se entendermos que havia acontecido um êxodo geral de Jerusalém causado não só pelo exílio, mas também pelo medo que se apossou da população, gerado pelos repetidos ataques que havia sofrido e que culminaram com a destruição do Templo e dos muros da cidade. Até mesmo na época do retorno, quando cinqüenta mil ou mais pessoas voltaram com Zorobabel, a maior parte delas preferia se instalar nas cidades vizinhas de Judá ao invés de Jerusalém. Nessa época, os muros ainda estavam em ruínas e qualquer concentração que se formasse dentro da cidade acarretaria suspeita sobre seus participantes e até o ataque dos inimigos. Um problema que Neemias precisava enfrentar durante essa fase era a necessidade de formar guardas para enfrentar eventuais ataques dos inimigos. Vemos que esse problema foi em parte resolvido através de um sorteio destinado a convocar um décimo da população das cidades vizinhas, como foi mencionado em 11.1.

As ordens de Neemias para esses recém-nomeados administradores da cidade eram: (1) não abrir as portas... até que o sol aqueça (3); e, (2) durante a noite, não só essas portas deveriam permanecer cuidadosamente fechadas e trancadas, como sentinelas deveriam ser estacionadas em várias partes para vigiá-la durante o horário noturno. **Enquanto assistirem ali** (3) provavelmente significa "enquanto o guarda estiver em serviço" (Berk). A referência a um sol quente provavelmente não deva ser entendida em seu pleno vigor. Era costume, na antiguidade, abrir as portas da cidade ao nascer do sol, mas, nesse caso, não há dúvida de que tal procedimento seria considerado imprudente. Agir assim, no início da manhã, antes que os habitantes estivessem bem capacitados para se protegem poderia colocá-los em desvantagem perante os inimigos.

2. *O Planejamento do Censo* (7.5-73)

A repovoação da cidade deveria ser feita de maneira a assegurar que as famílias repatriadas fizessem propriamente parte da nação de Israel e, conseqüentemente, se interessassem pela segurança, unidade religiosa e futuro crescimento da cidade.

Sobre as palavras: **Então, o meu Deus me pôs no coração (5)**, vale a pena citar o comentário do Dr. Adam Clarke:

> "Com esse bom homem todas as coisas boas vinham de Deus. Se ele propunha qualquer coisa boa, era porque Deus havia colocado em seu coração; se praticasse

> alguma boa ação, era porque a boa mão de Deus estava sobre ele; e se esperasse algo de bom é porque havia sinceramente orado para que Deus o lembrasse disso. Deste modo, em todos os seus atos ele reconhecia a presença de Deus e que o Senhor dirigia todos os seus passos" (Pv 3.6)[2].

A idéia que Deus havia colocado no coração de Neemias era que nessa época ele deveria fazer o censo da população de Judá, a fim de ter uma base que lhe permitisse selecionar as famílias para o desenvolvimento da população de Jerusalém. Mas enquanto considerava essa idéia, e fazia seus planos, ele encontrou um registro, provavelmente no Templo, daqueles que retornaram com Zorobabel. Esse documento, ou genealogia, que ocupa o restante do capítulo 7 é o mesmo, embora com pequenas variações em relação àquele que encontramos em Esdras 2.

As variações que ocorrem podem ser explicadas através de mudanças no processo de transcrição. Entretanto, foi sugerido que Esdras 2 pode representar a relação original, elaborada antes da partida da Babilônia, enquanto a de Neemias 7 pode ser a relação final depositada no Templo depois da correção de alguns erros menos importantes[3]. Para comentários adicionais sobre essa listagem, veja a seção dos comentários sobre Esdras que trata do capítulo 2, e que traz o registro daqueles que retornaram.

A expressão **Tirsata** (65; cf. 8.9) corresponde ao título persa para -governador, e é aproximadamente equivalente a "Sua Excelência".

B. UM REAVIVAMENTO RELIGIOSO LIDERADO POR ESDRAS (8.1—10.39)

Chegamos, agora, à seção que é muitas vezes considerada a mais interessante e desafiadora do Livro de Neemias. J. Sidlow Baxter intitula os acontecimentos dessa parte como "um retorno ao movimento da Bíblia"[4]. Muitas vezes, esses capítulos têm sido mencionados como o grande reavivamento e, certamente, eles têm todos os elementos de um verdadeiro despertamento: (1) uma sincera atenção à leitura e à exposição da Palavra de Deus; (2) um enternecimento dos corações, e a convicção do pecado sob o impacto da Palavra; (3) o jejum e a oração, a confissão do pecado e o reconhecimento da justiça e da misericórdia de Deus; e (4) um definitivo compromisso de seguir o caminho que Deus determinou. Também existe aqui o retrato da alegria pela salvação, como visto em 8.10; **porque e alegria do Senhor é a vossa força.**

1. A Leitura e a Exposição da Lei de Moisés (8.1-12)

O cenário do capítulo 8 parece fazer alusão ao último versículo do capítulo anterior (7.73): "E chegado o sétimo mês, e estando os filhos de Israel nas suas cidades". Quanto à importância religiosa do sétimo mês, Tisri, que corresponde a partes de setembro e outubro, veja os comentários sobre Esdras 3. Podemos entender que, antes do período de treze ou mais anos em que morou em Jerusalém, Esdras já havia ensinado outras pessoas, e assim prosseguiu. Neste caso, as pessoas já conheciam o significado das festividades que começavam com a Festa das Trombetas no primeiro dia do sétimo mês. De qualquer maneira, Esdras entra agora em cena e, no início do sétimo mês, recebe dos líderes judeus a solicitação de ler o livro da Lei. Enquanto isso, uma grande platéia havia se

reunido – formada por homens e mulheres – em uma área importante de Jerusalém para ouvir suas palavras. Foi erguida uma plataforma elevada[5] para essa finalidade **diante da Porta das Águas** (3), cerca de quinhentas jardas ao sul da área do Templo. Com a ajuda de inúmeros levitas, que se postaram do seu lado direito e esquerdo, e depois das devidas cerimônias, ele se colocou perante o público e leu a lei **desde a alva até ao meio-dia**. Quando **Esdras abriu o livro** (5) ele, evidentemente, desenrolava um pergaminho e, com esse sinal, todas as pessoas se levantaram.

A maneira pela qual os levitas ajudaram Esdras não está muito clara. No versículo 8 ficamos cientes de que eles **leram o livro, na Lei de Deus, e declarando e explicando o sentido, faziam com que, lendo, se entendesse.** Parece que a leitura e a interpretação foram feitas por muitos levitas; talvez, Esdras tenha lido em hebraico e os levitas sido incumbidos de traduzir ou parafrasear em caldeu ou aramaico, língua que havia se tornado popular durante o exílio. Com algumas modificações, essa língua continuou a ser falada até os dias de Jesus. Em todo caso, era necessário fazer com que o significado fosse claro, e isso foi conseguido, pois o texto informa que todas as pessoas entenderam.

O primeiro resultado mencionado a respeito dessa leitura é que ela causou muita tristeza, pois tomaram consciência de que a lei de Deus havia sido infringida. **Porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da Lei** (9). Mas essa tristeza não durou muito tempo: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados" (Mt 5.4). Quando Neemias e Esdras viram que o povo estava arrependido e chorava, eles provavelmente disseram: Não vos entristeçais, mas alegrai-vos porque Deus foi bondoso e perdoou o vosso pecado. **Porque esse dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força** (10).

Isso parece ser uma simplificação do processo pelo qual uma alma oprimida pelo pecado passa a entender a disposição divina de perdoar e, de repente, troca a sua tristeza pela alegria. Embora isso não demande um longo período de tempo basta, entretanto, que exista uma completa sinceridade. Parece que foi isso o que aconteceu com aqueles que ouviram a leitura da lei feita por Esdras. A relação entre essa experiência e a posterior busca a Deus, descrita no restante deste capítulo, e também nos dois capítulos seguintes, que estão muito ligados ao primeiro, também pode ser justamente questionada. Mas creio que a resposta reside no fato de que, além da experiência inicial do perdão, existe uma exigência subseqüente de obediência e de busca na alma que leva a um definitivo compromisso com a plenitude da vontade de Deus para a nossa vida. Isso é representado, pelo menos simbolicamente, através da comemoração da Festa dos Tabernáculos (8.13-18), do jejum, da confissão dos pecados e do reconhecimento da bondade de Deus no capítulo 9 e, finalmente, na celebração da aliança no capítulo 10.

As belas palavras do capítulo 10: **por que a alegria do Senhor é a vossa força,** têm sido usadas como base para muitos sermões. Na verdade, a vida cristã seria uma melancólica rotina, se não fosse pelas fontes de alegria que sempre e, em pouco tempo, refrigeram a alma (Is 41.18; Jo 4.14). Alan Redpath sugeriu quatro segredos relacionados à alegria para a vida cristã: (1) a alegria baseada no perdão; (2) a alegria que pode ser cultivada em meio à aflição; (3) a alegria que depende da obediência a Deus e não de um bem-sucedido serviço cristão; e, finalmente (4) a alegria que não depende das circunstâncias[6]. "Fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis" (1 Co 10.13).

Enviar porções (12) significa compartilhar com os menos afortunados (cf. 10).

2. A Celebração da Festa dos Tabernáculos (8.13-18)

No restante do capítulo 8 encontramos um relato da fiel celebração da importante Festa dos Tabernáculos. A expressão **ramos de árvores espessas** (15), provavelmente, significa "árvores frondosas". A importância dessa festa está explicada em Levítico 23.40-43. De acordo com a explicação do versículo 17, parece que essa festa em particular nunca havia sido celebrada, nessa ocasião, de forma tão perfeita, desde os dias de Josué, **filho de Num** (17). A maneira esplêndida como essa festividade foi comemorada nessa ocasião está aqui enfatizada, e não o fato de ela ter sido celebrada[7]. Era provada a sinceridade do povo, que havia chorado e agora se alegrava com a leitura da lei. Eles caminhavam na luz de forma obediente, e Deus era, por isso, glorificado. **A solenidade da festa... segundo o rito** (18), isto é, "o término da festa que acontecia no oitavo dia de acordo com o costume" (Berk.).

No versículo 18, observamos que a leitura da lei era feita diariamente, **desde o primeiro dia até ao derradeiro** da festa. Isso nos dá a entender a importância e o valor da leitura da Bíblia Sagrada. A obra *The Preacher's Homiletic Commentary*, na matéria *"Daily Bible Reading"*, apresenta quatro razões para o cultivo desse hábito, e quatro regras a serem observadas em sua prática. Devemos ler a Bíblia regularmente: (1) "Por causa de seu infinito valor e preciosidade"; (2) "Porque ela edifica a nossa vida interior e espiritual – a vida de Deus na alma"; (3) "Porque todos os grandes avivamentos têm estado associados a um elevado respeito pela Palavra escrita"; (4) "Porque é através dessa Palavra que você será julgado". Essa leitura deve ser feita: (1) "Com reverência"; (2) "Com especial afeto e, em oração"; (3) "Com a dedicação de tempo a esta importante e preciosa leitura"; e (4) "Com o intuito de sempre manter em mente o propósito da Bíblia Sagrada", isto é, conceder a Deus a oportunidade de falar conosco através dela[8].

3. *A Confissão do Povo* (9.1-38)

A alegre Festa dos Tabernáculos havia chegado ao fim. Agora, era justo que as pessoas dedicassem mais atenção às advertências recebidas durante os vários dias em que Esdras recitara a lei de Deus. Depois de um breve intervalo, logo depois da Festa dos Tabernáculos, isto é, no vigésimo quarto dia desse movimentado mês, o povo retornou, provavelmente, a convite de Esdras para passar um dia em jejum e oração, e, em um profundo exame da alma.

Sob a liderança dos **levitas** (5), talvez com Esdras como seu principal porta-voz[9], eles relataram detalhadamente, as muitas ocasiões, através de toda a história de sua nação, durante as quais Deus providencialmente cuidou deles. Eles reconheceram que, apesar de sua rebeldia e dos muitos atos de desobediência, o Senhor havia sido extremamente misericordioso. Admitiram, livremente, que sua atual aflição se devia a seus próprios pecados e aos de seus antepassados. Foi somente pela grande misericórdia de Deus que eles não foram completamente destruídos (31). Em seguida, cheios de humildade, e sem implorar qualquer alívio de sua aflição, prometeram estabelecer um pacto de lealdade e obediência, com a ajuda de Deus, para as épocas vindouras.

Era através desses remanescentes de Israel que o Messias, o Salvador do mundo, chegaria. Vemos, portanto, como foi importante que, depois de um longo período, acontecesse uma completa reconciliação entre Deus e o povo que Ele havia escolhido, apesar de toda a rebeldia e de todos os pecados praticados por este povo. Essas considerações tam-

bém servem para realçar a importância dos dois grandes líderes dessa época, Esdras e Neemias. De acordo com as palavras de Ezequiel, eles estiveram "tapando o muro"[10], ao trazerem a nação de volta para Deus e ao assegurarem a continuidade do movimento redentor. Isso tudo aconteceu em um momento em que, sob um ponto de vista exclusivamente humano, toda esperança de um reavivamento espiritual e nacional da nação de Israel parecia totalmente perdida. Embora o Templo já estivesse restaurado, sabemos que o coração das pessoas estava muito longe de Deus. Para eles, as Escrituras haviam se tornado um livro sem utilidade. As defesas de Jerusalém estavam em um estado tão deplorável, que seria impossível restaurar a importância dessa cidade como a capital da nação. Também, a prática de casamentos mistos com pessoas de nações pagãs parecia resultar em uma gradual absorção das famílias israelitas por outras nações vizinhas. Esse fato vem salientar a importância de seus atos no versículo 2: "A geração de Israel se apartou de todos os estranhos (ou "A raça de Israel se separou de todos os estrangeiros", Moffatt).

Parece apropriado pensar sobre esses acontecimentos e os dos capítulos seguintes (9 e 10), como uma representação, pelo menos simbólica, das mais profundas experiências religiosas dos cristãos. Os elementos que vimos nesses capítulos podem ser entendidos como: (1) A convicção de uma arraigada tendência em direção ao pecado e à desobediência; (2) Uma sagrada tristeza e a confissão do pecado; (3) O reconhecimento da santidade de Deus, manifestada através da justiça e da misericórdia em todos os seus atos para com os homens; e (4) Um total compromisso ou consagração pessoal a Deus através da fé, na confiança de que, com a sua ajuda, é possível viver livre do pecado.

Também lhes deste reinos e povos (22) significa "distribuiu entre eles cada canto da terra" (Moffatt). A frase: **deste-lhes libertadores** (27) pode ser entendida como "deste-lhes libertadores que os salvaram das mãos de seus adversários" (Smith-Goodspeed). A localização da declaração parentética no versículo 29 faz com que seu significado seja pouco claro. Podemos entendê-lo da seguinte forma: "Eles se recusaram a obedecer aos teus mandamentos... os quais, se um homem guardar, viverá" (Berk.).

4. *O Pacto é Selado* (10.1-39)

Na conclusão da oração registrada no capítulo 9 foi estabelecido um pacto de lealdade. Vemos, agora, que esse pacto foi colocado em prática, selado (1), isto é, registrado oficialmente com um selo pessoal[11] pelos seguintes representantes do povo: (1) **Neemias, o Tirsata**, isto é, o governador, 1; (2) **os sacerdotes**, 1-8; (3) **os levitas,** 9.13; e (4) Os chefes do povo, isto é, os líderes das principais famílias (14-27). O **resto do povo, os que tinham capacidade para entender firmemente aderiram... e convieram... num juramento**, isto é, assumiram um juramento sob pena de serem amaldiçoados, **de que andariam na lei de Deus, que foi dada pelo ministério de Moisés, servo de Deus; e de que guardariam e cumpririam todos os mandamentos do Senhor** (28,29). Existem muitos nomes comuns de judeus nessa relação. Os mais conhecidos – Jeremias (2), Daniel e Baruque (6) – não devem ser confundidos com os homens importantes que tiveram o mesmo nome, e que ficaram conhecidos através de outras passagens da Bíblia Sagrada.

Vários assuntos especialmente mencionados no pacto podiam ser particularmente aplicados ao povo durante esse período: (1) casamento misto com pagãos; (2) profanação

do sábado; (3) pagamento do imposto do Templo; (4) fornecimento de azeite para o altar; e, (5) atendimento às necessidades daqueles que ministravam perante o Senhor. Essas necessidades deveriam ser atendidas através do pagamento de dízimos e da contribuição ao Templo por meio de todas as primícias de suas terras, e dos primogênitos dos filhos de todos os animais. Tanto em Esdras como em Neemias está evidente a necessidade de insistir na lei contra o casamento misto com os pagãos. Podemos entender que também havia muita negligência em relação ao sábado, à manutenção dos serviços no templo, e àqueles que ali ministravam. A esses assuntos também foi dada grande importância nos demais capítulos de Neemias (12.44-47; 13.10-12,15-22).

A **oferta da lenha** (34) pode ser explicada como "a ordem pela qual a casa de nossos pais, em épocas regulares, deveria fornecer madeira para as ofertas, levando-as até a casa de Deus, para ser queimada no altar do Senhor" (Berk.). **Em todas as cidades de nossa lavoura** (37), isto é, "em todas as nossas cidades rurais".

"Uma vida consagrada", diz J. Stafford Wright, "é uma vida prática. Assim como a obediência seguiu o arrependimento na restauração da época de Neemias, quando nos entregamos totalmente ao Senhor devemos, da mesma maneira, traduzir essa emoção em ações práticas"[12].

Em relação à desafiadora afirmação final desse capítulo, **assim não desampararíamos a casa do nosso Deus** (39), a obra *The Preacher's Homiletical Commentary* nos dá quatro razões para freqüentarmos regularmente a igreja, e podemos parafraseá-las da seguinte maneira: (1) Porque Deus ordenou que houvesse uma adoração pública, e esta é uma exigência de sua Palavra; (2) Porque as manifestações da presença de Deus nos trabalhos da igreja fazem com que todo cristão verdadeiro deseje estar presente, a fim de não perder uma bênção espiritual; (3) Porque é particularmente na adoração pública que os dons individuais do Espírito são manifestados; e, (4) Porque o verdadeiro cristão considera a casa de Deus como o similar mais próximo do Céu[13].

C. OS PLANOS PARA REPOVOAR JERUSALÉM, 11.1—12.26.

1. *A Sorte é Lançada para Trazer os Judeus a Jerusalém* (11.1,2)

Retornamos agora, depois de três capítulos intercalados que se referem ao reavivamento sob a liderança de Esdras, à história do capítulo 7 que cobre os planos de Neemias para a volta dos judeus à cidade de Jerusalém. Essa afirmação, feita no quarto versículo do capítulo sete, diz que "era a cidade larga de espaço e grande, porém pouco povo havia dentro dela; e, ainda, as casas não estavam edificadas". Lemos que **os príncipes do povo habitaram em Jerusalém** (1) o que, provavelmente, significa que muitos dos sacerdotes, levitas e outros, que tinham alguma posição oficial, estavam alojados dentro da cidade. O restante do povo, em sua maioria, vivia em outras cidades ou vilas da província de Judá. Podemos afirmar que, por sugestão de Neemias, foi realizado um sorteio para "tirar um de dez" do resto da população "para que habitasse na santa cidade de Jerusalém, e as nove partes, nas outras cidades" (1). Outros se ofereceram **voluntariamente... para habitar em Jerusalém** (2) de forma que, agora, Neemias tinha a promessa de um considerável número de habitantes para fortalecer as defesas da cidade.

2. *Um Registro das Famílias Judaicas* (11.3—12.26)

A maior parte do capítulo 11 é ocupada pelo registro daqueles que viviam em Jerusalém e nas cidades vizinhas na época do governo de Neemias. Os habitantes de Jerusalém foram relacionados principalmente através dos chefes de família, enquanto os moradores da região vizinha foram simplesmente relacionados pelo nome de cada cidade. Em 12.1-26 foram acrescentadas novas listas que incluíam as famílias dos sacerdotes e dos levitas desde a época de Zorobabel até à de Neemias. A menção feita a Jadua no versículo 22, como observamos acima na "Introdução a Esdras e Neemias", levou muitos estudiosos a considerarem o livro de Neemias escrito em uma data posterior a 330 a.C., pois é sabido que existiu um sumo sacerdote com esse nome na época de Alexandre, o Grande, e que morreu em 330 a.C. É claro que tal evidência não é conclusiva, porque os nomes eram freqüentemente repetidos; portanto, o nome **Jadua** mencionado em Neemias 12.22 pode ter sido do avô de um sumo sacerdote que tinha esse nome nos dias de Alexandre.

Nessa seção ocorrem inúmeras frases obscuras cujo significado se tornou mais compreensível nas traduções mais recentes da Bíblia Sagrada. A expressão **a obra de fora da casa** (11.16) seria o "trabalho fora da casa de Deus" (Berk.). **O chefe, que era quem começava** (17) significa "aquele que era o líder começava a ação de graças em uma oração". **Uma certa porção para os cantores** (23), isto é, "havia uma provisão fixa para os cantores, conforme se fazia necessário a cada dia" (Smith-Goodspeed). **Estava à mão do rei** (24), isto é, "todos os negócios relacionados com o povo estavam nas mãos do representante do rei (Moffatt). Este autor também faz uma interessante tradução do versículo 35: "Lode, Ono e o vale dos artífices". **Presidiam sobre os louvores** (12.8), isto é, "aquele que com seus irmãos estava encarregado dos cânticos em ação de graças". **Estavam defronte dele nas guardas** (9) significa: "colocaram-se em frente a eles em seus lugares de serviço" (Berk.). **Para louvarem e darem graças... guarda contra guarda** (24) quer dizer oferecer louvores em ação de graças de forma "responsiva" (Moffatt). **Faziam guarda às tesourarias das portas** (25), isto é, eles eram "os guarda-portas que vigiavam os armazéns dos portões".

O Rev. George Williams fez uma interessante observação sobre 11.16,22 em sua obra *The Student's Commentary on the Holy Scriptures:*

> "A obra de fora da casa de Deus (16) foi atribuída a dois chefes de Levi; porém a obra interior dessa casa (22) foi entregue aos cantores, filhos de Asafe. No cativeiro (salmo 137), a mão que deveria ter despertado o canto na agradável harpa foi usada para pendurá-la na árvore do salgueiro. Porém, agora, restaurada a Sião, Israel podia cantar!"
>
> "A vida cristã é, ao mesmo tempo, interior e exterior. O canto deve ser interior. Se o louvor a Deus não estiver no coração, não haverá melodia nem poder na vida"[14].

D. A Consagração dos Muros, 12.27-43

O relato da consagração dos muros, na última parte do capítulo 12, foi motivo de consideráveis controvérsias. "Por quê", perguntam, "a dedicação dos muros não foi feita imediatamente após sua conclusão?" Em seu lugar temos ordens para repovoar cidade, a

leitura da lei, a Festa dos Tabernáculos, o grande dia do jejum e confissão de pecados, o término com a ratificação do pacto e, finalmente, o censo da população; descritos exatamente como ocorreram entre a conclusão dos muros e sua dedicação. Muitos estudiosos, como o Dr. A. S. Peake[15], acreditam que a passagem que descreve a dedicação foi colocada fora de sua posição original, logo depois do capítulo 6. Porém, por outro lado, o Dr. W. F. Adeney, na obra *The Expositor's Bible*, apresenta várias razões porque deveria haver um adiamento desse importante acontecimento:

> "Os judeus precisavam conhecer a lei para que pudessem entender o destino de Jerusalém; eles precisavam se dedicar pessoalmente ao serviço a Deus para que pudessem desempenhar esta determinação. Precisavam recrutar as forças da cidade santa com a finalidade de dar poder e volume a esse futuro. Dessa forma, o adiamento da dedicação transformou esse evento, ao chegar a hora de sua realização, em algo muito mais real do que teria sido se tivesse acontecido imediatamente após a conclusão dos muros"[16].

A esse respeito, o Dr. Adeney faz uma afirmação que parece ser a explicação mais simples e mais satisfatória sobre a posição desse relato nas proximidades do final da história de Neemias: "Esse ato", diz ele, ao referir-se à dedicação, "embora estivesse diretamente ligado aos muros, na verdade representava a consagração da cidade". Com este objetivo em mente, lembremo-nos que a atribuição de Neemias era reconstruir a cidade de Jerusalém (2.5); por isso não encontramos qualquer dificuldade em aceitar a atual posição da história.

O Dr. Adam Clarke observa que, nesse caso, a razão para a dedicação era que "os antigos consagravam suas cidades aos deuses, e seus próprios muros, também eram considerados sagrados"[17]. Ele refere-se à descrição feita pelo poeta romano Ovídio das cerimônias desempenhadas na colocação dos alicerces dos muros de Roma. A grande diferença aqui é que a dedicação foi celebrada depois da conclusão dos muros, e após a cidade ser organizada e com a sua população já instalada. No caso de Roma, e de muitas outras cidades da antiguidade, cujos registros chegaram até nós, as cerimônias de dedicação eram muito semelhantes à do lançamento dos alicerces (ou da "pedra fundamental") para a construção de uma igreja moderna. Os muros eram estabelecidos e dedicados antes do início da construção do edifício.

A frase **as aldeias de Netofa** (28) pode ser traduzida como "as aldeias dos netofatitas". Netofa era um grupo de aldeias ou aglomeração de casas perto de Belém (Ne 7.26). Ela fora o lar de alguns dos guerreiros de Davi (2 Sm 23.28,29), e foi colonizada por aqueles que retornaram do cativeiro (Ed. 2.22). Sua exata localização não foi determinada. A purificação mencionada no versículo 30 é uma referência à cerimônia de purificação realizada pelos sacerdotes e levitas. Ela consistia de uma lavagem ou banho, ou de uma aspersão com o sangue do sacrifício (Lv 14.6,7; 15.8,10,11).

Na cerimônia descrita nos versículos 27-43, foram organizadas duas grandes procissões das quais participaram os **príncipes de Judá** (31) além de levitas e cantores de toda a província. As procissões caminhavam em volta da cidade ao longo do muro recém-construído. Um dos grupos foi liderado por Esdras e fez o circuito pela direita, enquanto o outro, acompanhado por Neemias, caminhou em volta da cidade **ao encontro deles**

(38), isto é, na direção oposta. Finalmente, os dois grupos se encontraram nas vizinhanças do Templo e lá foi realizado um grande culto em ação de graças e de louvor. A música era produzida por aqueles que tocavam **saltérios, alaúdes e harpas** (27) e pelos cantores, os "filhos de Asafe" (cf. 11.22). O povo também tomou parte nessa alegre ocasião. **E faziam-se ouvir os cantores... E sacrificaram, no mesmo dia, grandes sacrifícios e se alegraram, porque Deus os alegrara com grande alegria; e até as mulheres e os meninos se alegraram, de modo que a alegria de Jerusalém se ouviu até de longe** (42,43).

A dedicação espiritual do povo tinha acabado de acontecer no reavivamento levado a efeito por Esdras, e isso representava a primeira restauração de Jerusalém e do "remanescente" de Israel (Is 1.9), ao pleno favor de Deus desde os dias de Ezequias e Isaías. Havia, realmente, muitos motivos para se alegrarem. Certamente, se o povo pudesse ter tido, nesse momento, uma breve visão do Céu, teria visto anjos jubilosos em torno do trono de Deus. Pois, agora, havia sido feito um caminho para o Redentor, o Filho de Deus, por onde Ele seria trazido ao mundo para consumar o plano divino, a redenção.

Na mensagem sobre "A alegria de um Coração Verdadeiramente Dedicado", baseada nessa passagem (43), alguns pontos podem ser apresentados:

(1) Essa é uma alegria que resulta da plena obediência ao Espírito de Deus em termos de consagração pessoal e pureza de coração. O povo havia celebrado um compromisso total no notável dia do jejum, confissão e ratificação do pacto registrado no capítulo 9. Agora, é dito que se purificaram os sacerdotes e os levitas; e, em seguida, todo o povo (30).

(2) Essa alegria excede àquela que enche o coração de alguém recém-perdoado e restaurado pelo favor de Deus. Isso está refletido nas extravagantes expressões de alegria que encontramos nessa passagem (43), quando comparadas às declarações em 8.17 – "E houve mui grande alegria". Na ocasião anterior eles haviam recebido a Palavra com o coração cheio de boa vontade e caminhavam com obediência na luz que haviam recebido, embora ainda não tivessem experimentado uma busca de toda a sua alma, e o mais profundo comprometimento com a vontade de Deus descritos nos capítulos 9 e 10.

(3) Essa alegria enche a vida de esplendor, e seu efeito ultrapassa os limites do cenário local de uma pessoa e do seu círculo imediato de amigos e associados. **A alegria de Jerusalém se ouviu até de longe** (43). A abundância e a plenitude da alegria divina, que penetra a alma de quem se compromete totalmente com a vontade de Deus, tem um efeito marcante sobre a vida de homens próximos e distantes. Sua influência pode alcançar até o fim do mundo e, certamente, deixará uma forte impressão nos corações por toda a eternidade.

E. A Instituição de Outras Reformas, 12.44—13.31

Chegamos agora ao final do livro, onde é feito um breve resumo das reformas que Neemias instituiu durante os últimos anos de seu governo. Na verdade, a maioria delas se refere ao período seguinte ao retorno de uma visita à capital da Pérsia, em Susã, que aconteceu depois de ter completado doze anos como governador de Judá (5.14; 13.6). Sua

conduta, nessa reforma, nos leva a caracterizá-lo como um homem de rigorosa lealdade. Ele estava pronto para adotar severas medidas, se necessário fosse, para preservar a integridade de Jerusalém e evitar que o povo de Judá desobedecesse à lei de Deus e ao pacto que havia celebrado (capítulo 10).

1. *Provisões Feitas para os Líderes Religiosos* (12.44-47)

Aparentemente, como conseqüência da alegre ocasião da dedicação, foi dada atenção às necessidades daqueles que ministravam no Templo e que haviam desempenhado uma parte importante em tal celebração que, agora, chegava ao fim. Foi feito um exame das providências para os dízimos e outras contribuições que seriam feitas pelos judeus em toda a província. Não há dúvida de que a negligência havia se desenvolvido nesses assuntos durante os setenta ou oitenta anos decorridos desde a época de Zorobabel, sob quem o Templo havia sido reconstruído e seus serviços restaurados. Alguns levitas foram nomeados responsáveis pela coleta dessas ofertas. Outros foram designados curadores dos recintos do Templo, e a eles cabia verificar se havia estoque suficiente de alimentos e o suprimento de outras necessidades para a manutenção do pessoal que nele trabalhava. **Sacerdotes, levitas, cantores** e até **porteiros** (44-45,47) deveriam receber suas devidas porções. **E faziam a guarda do seu Deus** (45), isto é, "executavam os serviços do seu Deus" (Berk.). Como servos de Deus eles tinham o direito de ser mantidos às custas do povo. Este costume era uma tradição conservada desde o tempo de Davi e Salomão, e estava baseado nas leis mosaicas relativas ao Tabernáculo. Eles **santificavam as porções para os levitas** (47) significa que "separavam o que era para os levitas" (Smith-Goodspeed).

Observamos nesse contexto que, naqueles dias, como atualmente, o senso de responsabilidade garantia reclamação sobre os recursos financeiros do adorador. O verdadeiro filho de Deus será generoso em relação às necessidades e interesses daqueles que estão envolvidos nas atividades da construção do Reino. Um dízimo de suas rendas será considerado como dívida para a causa de Deus e, muito mais que isso, deverá ser oferecido por razões de devoção e amor à medida que as necessidades se façam sentir. Como Paulo advertiu à igreja de Corinto, quando desejava incitá-la à prática dessa generosidade a fim de apoiar a causa de Cristo:

"O que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância em abundância também ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria" (2 Co 9.6,7).

2. *O Rebaixamento de Tobias* (13.1-9)

As reformas descritas nesse último capítulo de Neemias foram executadas dentro de um espírito que sugere a maneira como o Senhor Jesus expulsou os vendedores do Templo[18], ou quando enfrentou os fariseus que abusavam da lei de Moisés, embora professassem que lhe obedeciam[19]. As palavras de Malaquias, que era um contemporâneo do governador, também revelam uma notável semelhança, em seu espírito, com os atos de Neemias durante esses últimos dias de seu governo. Observamos que este mensageiro, ao profetizar a vinda de João Batista e do Senhor Jesus, representa aqui a purificação que teria lugar entre aqueles que eram os líderes religiosos entre os judeus. Os que se comportavam como as pessoas mais justas daquela época, haviam na verdade desonrado a causa da justiça:

> *"Eis que eu envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de mim; e, de repente, virá ao seu Templo o Senhor, a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi e os afinará como ouro e como prata; então, ao Senhor trarão ofertas em justiça"*[20].

A cura do pecado deve ser radical. Ele não é algo a ser desculpado, especialmente quando se manifesta no coração ou na vida de um declarado crente em Deus. Ele deve ser eliminado, como se fosse pelo fogo, se o indivíduo desejar manter sua integridade perante Deus, ou recuperar o favor que perdeu. Acredito que isto pode explicar os atos severos adotados por Neemias quando, ao retornar da capital persa, encontrou o povo de Judá que transgredia flagrantemente o pacto que haviam recentemente celebrado com Deus.

Podemos ser tentados, nesse aspecto, a entender que o pacto recém-ratificado não havia surtido efeito, ou que é impossível a uma alma chegar a ponto de ser sincera nas promessas assumidas com Deus. Entretanto, uma leitura cuidadosa do capítulo revelará que os atos de Neemias estavam dirigidos somente a certos indivíduos culpados de desobediência, e não à população como um todo. Sempre existirão aqueles que não corresponderão ao padrão de santidade de Deus, seja porque nunca passaram realmente por uma experiência plena de graça, seja porque, através de sua negligência em relação às coisas espirituais, permitiram-se desviar do caminho que Deus determinou que seguissem. Certamente, se isso pode acontecer conosco na dispensação da graça, não é de admirar que o povo de Deus na época de Neemias (que não recebeu o dom do Espírito Santo) de certa forma transgredisse os votos que havia feito há tão pouco tempo. A grave censura dirigida aos indivíduos responsáveis por essas transgressões serviria como advertência para que os demais conservassem a sua integridade e correspondessem ao pacto que haviam celebrado.

Um analista desse capítulo viu cinco particularidades nas quais pode-se identificar o chamado à pureza da vida: (1) Relacionamento com o mundo: **Ouvindo eles esta lei, apartaram de Israel toda a mistura,** 3; (2) Relacionamento com falsos mestres: **Eliasibe, sacerdote... se tinha aparentado com Tobias... e fizera-lhe uma câmara... nos pátios da casa de Deus**. Mas Neemias lançou **todos os móveis da casa de Tobias fora da câmara,** 4-9; (3) Relacionamento com a casa de Deus: **Por que se desamparou a casa de Deus**? 11; cf. 10.39; (4) O relacionamento com o dia do descanso, 15-22; e (5) O relacionamento no casamento, 23-25; cf. 2 Co 6.14-18[21].

Na passagem imediatamente à nossa frente (1-9), temos uma narrativa sobre dois incidentes. Aparentemente, o primeiro está intimamente relacionado com o segundo, com a intenção de introduzi-lo. Num certo dia, provavelmente depois da partida de Neemias para a capital persa (4,6) o povo, em obediência à lei que tinha acabado de ouvir (Dt 23.3-5), expulsou os amonitas e os moabitas que viviam entre eles, pois Moisés ordenara que não habitassem ao seu lado. **Toda mistura** (3) significa, "eles separaram de Israel todos os descendentes de estrangeiros" (Berk.).

Mas, apesar dessa atitude, o sumo sacerdote Eliasibe permitiu que Tobias, o amonita, seu parente por razões de matrimônio, ocupasse certas câmaras do Templo que estavam reservadas exclusivamente aos sacerdotes e levitas, ou ao armazenamento dos tesouros e objetos usados nos serviços religiosos. Portanto, isso constituía flagrante transgressão de uma lei de conhecimento geral. Quando Neemias descobriu essa situação, após retornar de Susã, ele prontamente expulsou Tobias, juntamente como todos os móveis: **E, ordenando-o eu, purificaram as câmaras; e tornei a trazer ali os utensílios da casa de Deus, com as ofertas de manjares e o incenso** (9). Não nos foi declarado como o sumo sacerdote recebeu essa rigorosa censura e a anulação de sua autoridade, mas ao considerarmos que esse ato já havia sido imitado pelo povo quando expulsou os amonitas e os moabitas em obediência a uma ordem específica de Moisés, ele deve ter ficado penosamente ciente do pecado que cometera. Por outro lado, a coragem de Neemias ao rejeitar dessa maneira a autoridade do sumo sacerdote, e defender firmemente o que acreditava ser a vontade de Deus, não deixa de ser digna de louvor.

3. *A Correção dos Abusos nos Serviços do Templo* (13.10-14)

Outro abuso, cometido quando Neemias se ausentou de Jerusalém, está relacionado com os serviços do Templo e uma adequada manutenção dos levitas e outros funcionários. Não só havia acontecido uma utilização errada das câmaras do santuário – caso da ocupação de Tobias – como em muitas ocasiões as ofertas não haviam sido recebidas. Conseqüentemente, os levitas e até os cantores tinham sido obrigados a voltar ao campo e ganhar a vida na agricultura. Isso significa que, apesar das cuidadosas providências que haviam sido tomadas por Neemias há muito pouco tempo (12.44-47), os serviços do Templo haviam sido negligenciados. Os diversos deveres que eram de responsabilidade dos levitas não eram executados. Neemias discutiu esse assunto com os principais líderes da cidade. **Por que se desamparou a casa de Deus?** ele perguntou (11). Por causa de sua insistência esses abusos foram rapidamente remediados, o povo voltou a trazer seus dízimos e ofertas, homens de confiança foram colocados como responsáveis pelo tesouro do Templo, e foi feita uma adequada provisão para atender às necessidades daqueles que tomavam parte nos serviços.

4. *A Reforma da Observância do Sábado* (13.15-22)

Um outro grave abuso que Neemias encontrou em seu retorno da capital da Pérsia, foi uma negligência generalizada em relação à guarda do sábado. Muitos continuavam a desempenhar o seu trabalho habitual aos sábados, e outros compravam e vendiam como em qualquer outro dia. Mercadores de Tiro tinham permissão para oferecer os seus artigos até na cidade de Jerusalém. Neemias nos diz que discutiu **com os nobres de Judá e lhes disse: Que mal é este que fazeis, profanando o dia de sábado?** (17). Ele ordenou que na sexta-feira as portas da cidade fossem fechadas ao pôr-do-sol, e assim deveriam permanecer até o final do sábado. Quando os mercadores tentaram continuar com seus negócios fora das portas da cidade, ele fez uma acusação formal contra eles. **Por que passais a noite defronte do muro? Se outra vez o fizerdes, hei de lançar mão sobre vós** (21). Através desse protesto ficamos cientes que eles foram embora e não voltaram mais nos sábados. **Santificar o sábado** (22) significa "que o sábado deve ser sagrado" (Berk.).

5. *As Providências em Relação aos Casamentos Mistos* (13.23-31)

A última reforma que foi registrada no livro de Neemias diz respeito ao casamento com mulheres estrangeiras. A providência tomada por ele para esses casos está descrita com termos bastante dramáticos e nos parece, quando examinada sob uma perspectiva cristã, demasiadamente drástica[22]. Ela nos recorda, naturalmente, a atitude tomada em relação ao mesmo assunto, como está registrado em Esdras 10. Assim como o seu antecessor, Neemias agora "agia com grande sinceridade e sem dúvida sob a direta inspiração do Espírito de Deus". Existe, sem dúvida, uma diferença entre as atitudes que o Senhor aprova na dispensação do Antigo Testamento, e na do Novo Testamento. Isso se deve não a alguma diferença na atitude de Deus em relação ao pecado ou como se desejasse salvar uns e condenar outros, mas a uma diferença no entendimento e no contexto em que as pessoas vivem sob as duas dispensações. Na época de Neemias, era necessário que o pecado fosse claramente identificado e que o povo de Deus fosse mantido rigorosamente separado da influência das nações pagãs daquela época. Só assim o plano redentor de Deus poderia ser executado em seu devido tempo, e todos os povos do mundo teriam a oportunidade de receber os benefícios da salvação. Certamente, "a gravidade do pecado foi novamente ressaltada e a certeza do castigo divino pelo pecado foi enfatizada"[23].

Apesar da grande reforma feita por Esdras, a respeito de alianças matrimoniais com nações estrangeiras, e, apesar do pacto que havia sido recentemente ratificado no qual o povo havia prometido abster-se desse costume, Neemias descobriu ao voltar de Susã que muitos judeus da comunidade haviam novamente voltado à prática de se casar com **mulheres** (pagãs) **estranhas** (27). **Mulheres estranhas** (26) seriam "esposas estrangeiras" (Smith-Goodspeed). Como conseqüência, as crianças seriam criadas em lares judeus que não falavam a língua de seus pais. Nesta questão, até a família do sumo sacerdote Eliasibe havia desobedecido à lei de Moisés. Eliasibe estava ligado, por casamento, a Tobias, o amonita, como mencionamos anteriormente nesse capítulo (4). Mas, o que era pior, um de seus netos, que estava na sua linhagem de sucessão, havia se casado com a filha de Sambalate, o maior inimigo dos judeus desse período.

O livro de Neemias se encerra com um breve resumo das reformas que haviam sido realizadas, e com uma característica oração exclamativa proferida por Neemias. Nesta oração, ele dedica a Deus a sua pessoa, assim como o seu trabalho, como alguém que havia feito o melhor que lhe era possível no desempenho da responsabilidade que o Senhor havia colocado em seu coração.

Assim os alimpei de todos os estranhos (30), isto é, "os limpei de tudo que era estrangeiro". **Designei os cargos dos sacerdotes,** quer dizer "estabeleci os deveres dos sacerdotes" (Berk.). A expressão **as ofertas da lenha** (31) pode ser entendida como: "organizei o fornecimento da lenha a ser usada nos sacrifícios" (Berk.).

Ao examinarmos a vida e o trabalho de Neemias, como foram retratados nesse notável livro, ficamos impressionados com a inabalável lealdade desse homem em todas as situações que enfrentou. Nenhum sacrifício era demasiado grande e nenhuma tarefa era difícil demais para ele, quando tinha a certeza de qual era a vontade de Deus. Alguns podem estigmatizá-lo, ao considerá-lo um homem que possuía um zelo religioso excessivo, devido ao rigor de seus atos no incidente final narrado em seu livro. Entretanto, faremos melhor, se entendermos que esta era uma indicação de que ele estava disposto a

adotar quaisquer medidas razoáveis para colocar em prática aquilo que tinha a certeza de ser a vontade de Deus. Não se deve fazer nenhuma concessão quando a vontade do Senhor ou o reino de Deus estiverem em jogo. Precisamos de mais pessoas com esse tipo de lealdade inflexível.

Um estudioso do Antigo Testamento tem o seguinte a dizer, em resumo, sobre Neemias:

"Sua admirável capacidade de vencer dificuldades e seu devotado caráter, assim como o cordial apoio que ele deu a Esdras, tudo isso faz de Neemias um dos mais atraentes personagens do Antigo Testamento e sua carreira representa um adequado clímax à história que foi registrada"[24].

Notas

SEÇÃO I

[1] Veja a obra de Alexander Whyte, *Bible Characters* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, re-impresso em 1952), I, p. 441, onde o copeiro é caracterizado como "um tipo de primeiro ministro e mestre de cerimônias, alguém que desempenhava as duas atividades... o favorito real, acima de todos os demais no palácio; os seus privilégios, o seu poder e a sua riqueza eram proverbiais". Compare também a obra de A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (Chicago: University of Chicago Press, 1948), p. 217, onde se menciona que o copeiro "no final da época aquemênidas exercia uma influência superior à do comandante-em-chefe".

[2] Veja Neemias 7.2 e compare com a obra de R. A. Bowman em *Interpreter's Bible*, III, p. 663.

[3] Não se pode assegurar que essa condição dos muros implicasse uma destruição mais recente que a de Nabucodonosor, em 586 a.C. Muitos comentaristas, inclusive Adam Clarke, sentiram que deve ter havido alguma tentativa, provavelmente depois da restauração do Templo, de reconstruir os muros. Tal desejo parece estar mencionado em Esdras 4.12. Veja a nota sobre Esdras 4.6-23 e a compare com a obra *The New Bible Commentary* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Co., 1953), pp. 368 e 372.

[4] *An Exposition of the Whole Bible* (Westwood, N. J.: Fleming H. Revell Co., 1959), p. 191. Veja também James Smith, *Handfuls on Purpose* (Londres: Pickering e Inglis, s.d.), Sixth Series, pp. 117ss, onde são enumerados seis elementos fundamentais de uma oração intercessória: (1) Seriedade: ele **chorou... lamentou... orou**, 4; (2) Conhecimento de Deus: **Ah! Senhor, Deus dos céus, Deus grande e terrível, que guardas o concerto e a benignidade para com aqueles que te amam**, 5; (3) Importunar: **Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para ouvires a oração do teu servo, que eu hoje faço perante ti, de dia e de noite** 6; (4) Confissão: **também eu e a casa de meu pai pecamos. Nos corrompemos contra ti**, 6,7; (5) Fé: **Lembra-te... da palavra que ordenaste... dizendo... eu os trarei ao lugar que tenho escolhido**, 8,9; (6) Consagração: **Ah! Senhor...** esteja atento... **à oração dos teus servos que desejam temer o teu nome**, 11.

[5] *The Biblical Expositor* (Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960), I, p. 387.

[6] Cf. J. S. Baxter, *Explore the Book* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1960) II, p. 255.

[7] F. B. Meyer, *Our Daily Homily*, (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, ed. rev., 1951) II, p. 179.

[8] Veja A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (University of Chicago Press, 1948), p. 129, e compare com Daniel 6.8,12,15 e Ester 1.19.

[9] Vol. II (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., reimpresso em 1943), p. 636.

[10] Cf. Jamieson, Fausset e Brown, *ad loc.*, e *The Pulpit Commentary*, XV, "The Book of Nehemiah", p. 10.

[11] *Clarke's Commentary*, Vol. II, *ad loc.*

[12] P. E. Kretzman, *Commentary on the Bible* (St. Louis, Mo.: Concordia Publishing House, s.d.), I, p. 764.

[13] Vol. II, "Nehemiah", p. 39.

[14] J. S. Wright, *Biblical Expositor*, I, p. 387.

[15] J. S. Wright, *loc. cit.*

[16] Alan Redpath, *Victorious Christian Service* (Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1958), pp. 43-53.

[17] *His Truth Endureth* (Filadélfia: National Publishing Co., 1937), p. 234.

[18] Alan Redpath, *op. cit.*, pp. 55-65.

[19] *Biblical Expositor*, I, p. 388.

[20] F. C. Cook, *Bible Commentary*, resumida e editada por J. M. Fuller (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, re-impressa em 1957), "The Book of Nehemiah", p. 464. Cf. nota 6 sobre Neemias 2.4.

[21] Para uma discussão típica sobre estes salmos, especialmente 59, 69 e 109, veja a obra de G. F. Oehler, *Theology of the Old Testament* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, re-impresso, n.d.), pp. 558ss.

[22] Alan Redpath, *op. cit.*, p. 75-78.

[23] *Clarke's Commentary*, II, p. 769.

[24] *Ezra, Nehemiah and Esther* ("Expositor's Bible"; Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1903), pp. 243-46.

[25] Cf L. W. Batten, *The Books of Ezra and Nehemiah* ("International Critical Commentary"; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1913), p. 230; e *Matthew Henry's Commentary* (Nova York: Fleming H. Revell, n.d.), II, p. 1080.

[26] *Expositions of Holy Scripture* (Nova York: George H. Doran Co., s.d.), V, pp. 361-71.

[27] *Biblical Expositor*, I, p. 389.

SEÇÃO II

[1] Veja *The Interpreter's Bible*, III, p. 724.

[2] *Clarke's Commentary*, II, 777. Cf. Comentários sobre Neemias 2.8.

[3] J. S. Wright, *Biblical Expositor,* I. P. 390.

[4] *Explore de Book* (Londres: Marshall, Morgan, e Scott, Ltd., 1951), II, pp. 250ss.

[5] A palavra hebraica *migdal*, traduzida como *púlpito* na Versão Autorizada em inglês, tem o significado geral de "lugar elevado" ou "torre", mas aqui ela foi provavelmente utilizada para designar uma plataforma elevada sobre a qual havia lugar para mais de uma dúzia de homens, com está indicado no versículo 4.

[6] Alan Redpath, *op cit.*, pp. 140-47.

[7] Cf. B. H. Kelly, *The Book of Nehemiah* ("The Layman's Bible Commentary", Vol. VIII; Richmond, Va.; John Knox Press, 1962), pp. 34ss, e *The New Bible Commentary* (Grand Rapids, Mich.; Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 377.

[8] W. H. Booth, *et al.*, "A Homiletical Commentary on the Book of Nehemiah" (*Preacher's Complete Homiletical Commentary on the Old Testament*, Vol. X; Nova York: Funk and Wagnalls Co. 1898), pp. 201-3.

[9] A versão RSV em inglês traz a seguinte expressão no versículo 6: "E Esdras disse...", que está baseada no texto da Septuaginta (LXX). No texto hebraico atual não se faz nenhuma referência a Esdras neste capítulo, talvez por uma omissão acidental. Podemos assumir que todos os eventos descritos nestes três capítulos (8-10) estavam sob a imediata responsabilidade de Esdras e Neemias (Cf. 8.9).

[10] Cf. Ezequiel 22.30.

[11] Para uma discussão sobre a antiga prática de selar cartas e documentos importantes, veja especialmente M. S. e J. L. Miller, *Encyclopedia of Bible Life* (Nova York: Harper & Bros., 1944), pp. 133-35.

[12] J. Stafford Wright, *op cit.*, p. 392.

[13] "Nehemiah", X, pp. 226-28.

[14] Sexta edição (Grand Rapids, Mich.; Kregel Publications, 1960), p. 268.

[15] *A Commentary on the Bible* (Nova York: Thomas Nelson and Sons, Ltd), p. 334.

[16] Vol. II (Grand Rapids, Mich.; W. B. Eerdmans Publishing Co, 1943), p. 669.

[17] *Clarke's Commentary, ad loc.*

[18] Mateus 21.12,13; Marcos 11.15-17; Lucas 19.45,46; João 2.13-17.

[19] Mateus 23.13-36.

[20] Malaquias 3.1-3.

[21] James Smith, *Handfuls on Purpose* (Londres: Pickering and Inglis, s.d.), Series VI, pp. 152-55.

[22] Cf. Abingdon *Commentary*, p. 476, onde o ato de Neemias é totalmente condenado por ser um flagrante exemplo de excessivo zelo religioso, e J. Stafford Wright, na obra *The Biblical Expositor*, I, p. 395, inclui uma declaração bastante apropriada no sentido de que a providência tomada "nessas circunstâncias e sob os regulamentos do Antigo Testamento, não pode ser automaticamente aplicada à era cristã".

[23] Cf. os comentários sobre Esdras 10.1-5.

[24] W. N. Nevius, *The Old Testament: Its Story and Religious Message* (Filadélfia: The Westminster Press, 1942), p. 191.

Comentário Bíblico Beacon

2

Josué a Ester

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

ISBN 85-263-0686-3
9 788526 306868